

## **Políticas, tecnicismos e modos de subjetivação: em análise a formação do psicólogo.**

### **Carlos Eduardo L. S. Nórte**

Estudante de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
Colaborador da Comissão de Estudantes do CRP - RJ

E-mail: [cadulsn@gmail.com](mailto:cadulsn@gmail.com)

### **Gabriel Folly Nogueira Sertã**

Estudante de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Colaborador da  
Comissão de Estudantes do CRP - RJ

E-mail: [gabrielfserta@yahoo.com.br](mailto:gabrielfserta@yahoo.com.br)

### **Vanda Vasconcelos Moreira**

Psicóloga (CRP05/6065). Conselheira do XII Plenário do CRP-RJ

Colaboradora da Comissão de Estudantes do CRP - RJ

E-mail: [vandavasconcelos@uol.com.br](mailto:vandavasconcelos@uol.com.br)

### **Anna Paula Uziel**

Psicóloga (CRP05/17260). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Rio de  
janeiro (UERJ). Colaboradora da Comissão de Estudantes do CRP - RJ

E-mail: [uzielap@gmail.com](mailto:uzielap@gmail.com)

### **Ana Lucia de Lemos Furtado**

Psicóloga (CRP 05/0465). Conselheira do XII Plenário do CRP-RJ

Professora assistente - Instituto de Psicologia - UERJ (aposentada)

E-mail: [ana.luciafurtado@yahoo.com.br](mailto:ana.luciafurtado@yahoo.com.br)

## **José Rodrigues de Alvarenga Filho**

Psicólogo (CRP 05 / 36. 271) Colaborador da Comissão de Estudantes do CRP - RJ

Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Especializando em Psicologia Jurídica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) E-mail: [Jraf.85@gmail.com](mailto:Jraf.85@gmail.com)

Este trabalho tem por objetivo levantar algumas questões sobre a formação do psicólogo no Brasil. Tomaremos como fio condutor de nossa discussão a criação de uma comissão de trabalho formada por estudantes de psicologia e professores universitários no Conselho de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-05).

### **A Comissão de Estudantes**

Em Março deste ano, nasceu no Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro uma comissão formada por estudantes. A “Comissão de Estudantes”, como é designada, possui como membros estudantes e, também, professores universitários e conselheiros do CRP-05. Dentre os objetivos da mesma estão:

- a. Potencializar a reflexão crítica e o debate sobre a formação em Psicologia.
- b. Colocar em análise as diferentes práticas em Psicologia como iminentemente políticas e produtoras de modos de subjetivação, bem como problematizar os efeitos que as mesmas produzem na sociedade;.
- c. Criar redes tanto com as instituições formadoras em Psicologia e os movimentos sociais – incluindo o movimento estudantil – quanto com as Comissões e Grupos de Trabalho do CRP\_RJ.
- d. Discutir as implicações entre formação, mercado de trabalho e direitos humanos.
- e. Possibilitar e ampliar o acesso às discussões relativas às práticas em Psicologia em suas relações com a formação.

Para este ano e para o ano de 2010, a Comissão planejou a realização de algumas atividades, dentre elas:

- a. “Fórum de Debates”: Espaço de troca de estudantes de Psicologia e profissionais com o CRP-RJ, no qual são discutidas as seguintes temáticas: mercado de trabalho; formação; direitos humanos, ética e compromisso social.
- b. “Coletivizando”: Espaço de discussão no qual diferentes atores se articulam na discussão de temas relevantes para a temática formação x mercado.
- c. “Oficinas Comestudantes”: Oficinas itinerantes realizadas em Universidades. Dispositivo que possibilita a reflexão sobre temas relevantes para a formação em psicologia.

- d. “Pesquisa”: Análise da percepção dos estudantes de Psicologia sobre o Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-05).

No início foi uma idéia de duas conselheiras que acreditam no novo e apreciam desafios: considerar a demanda de estudantes de psicologia e propor sua inserção num espaço institucional tradicionalmente ocupado por profissionais, o Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro. O que se segue é a história dessa ousadia, pela nossa ótica, e que vai sendo vivida e escrita a medida que trilhamos o caminho no qual vamos construindo redes com os que compartilhem nossas inquietudes anunciando, desde já, que se trata de uma experiência em processo, isto é, aberta a novos encontros.

O que nos move é investigar o quanto a inserção destes atores dentro do CRP/RJ pode ser um dispositivo facilitador para eles de um novo olhar sobre o que é ser psicólogo neste momento no Rio de Janeiro e suas implicações como protagonistas no seu próprio processo de formação. Pretendemos levar esta questão para as instituições formadoras através do dispositivo das oficinas – que serão itinerantes - visando formar redes e criar outras formas de ação com os estudantes do Rio de Janeiro. Outro dispositivo que criamos foram os fóruns de debates, espaço de trocas de estudantes de Psicologia e profissionais com o Conselho, tendo como palestrantes uma pessoa da universidade, uma do conselho e um estudante em igualdade de condições, tratando de temas como: mercado de trabalho, formação, direitos humanos, ética e compromisso social. Para entender como os estudantes de psicologia percebem o CRP/RJ elaboramos um terceiro dispositivo: um breve questionário que temos aplicado para posterior análise e devolução.

A aproximação dos estudantes de Psicologia fluminenses com o CRP-RJ se deu paulatinamente até que, em 2008, constatada a presença maciça dos mesmos em eventos e sua demanda em protagonizar ações para além do papel de ouvintes passivos é criado o Coletivo de Estudantes .

Constituído por duas conselheiras e estudantes voluntários - organizado sob a forma de fórum de debates –congregando interessados na criação de um espaço de trabalho de estudantes dentro do CRP-RJ foram realizadas cinco reuniões durante o semestre. Tiveram como temas: a história do CRP/RJ pós-intervenção com a eleição da chapa “Ética e Compromisso Social” no segundo mandato e suas comissões e grupos de trabalho; as mudanças políticas no Sistema Conselhos na perspectiva da valorização da dimensão ética-política, estabeleceram-se o tripé *informação, discussão, participação* como norteador das ações do Coletivo; criou-se o Fórum de Discussão Estudantes/CRP e um email institucional; afirmou-se uma aproximação dos estudantes de Psicologia com o Sistema Conselhos na construção conjunta de uma política na qual os temas para discussão partam de ambas as partes; afirmou-se a inclusão do estudante como agente político; discutiu-se: o que é informação? Como será a participação? Houve críticas à lógica da representatividade; foi realizado plano de trabalho conjunto e elaboradas

estratégias de ação e formas de divulgação do projeto; sugeriu-se organizar o Coletivo como grupo de trabalho para obter inserção institucional.

Como resultado destas reuniões foi elaborado um projeto de trabalho para ser apresentado por ocasião do planejamento estratégico do CRP-RJ em 2008, tendo sido colocados como desafios: 1. Implementar espaço de trabalho CRP-RJ /estudantes de psicologia / instituições / formadoras; 2. Despertar interesse pelo trabalho desenvolvido no CRP; 3. Valorizar a perspectiva ético-política face às práticas do psicólogo.

Neste mesmo período, há uma retomada do movimento estudantil no Rio de Janeiro que culmina com o I Encontro Regional de Estudantes de Psicologia do Rio de Janeiro (maio/2008), após 18 anos do anterior. Com o tema: “Encontros e Desencontros: rupturas e articulações” os estudantes retomam uma discussão política acerca do próprio movimento incluindo a formação.

Panorama favorável também no CRP-RJ. No segundo mandato da chapa “Ética e Compromisso Social”, em seu planejamento estratégico propõe ampliar políticas de gestão visando intensificar o diálogo entre o Conselho, a categoria e a sociedade; acolhendo os estudantes para ampliar democraticamente a participação de todos os implicados na construção da Psicologia como ciência e profissão. Entendemos que o CRP-RJ tem compromisso na formação dos futuros profissionais em parceria com as instituições formadoras uma vez que está em contato com o psicólogo no exercício da profissão, conhecendo seus embates, tendo como função acolher e discutir as questões pertinentes que lhe sejam demandadas e que podem e devem ser ampliadas para incluir também o futuro profissional. Desse modo, uma reflexão mais ampla de todos os atores envolvidos permite a formação de redes para troca de experiências e enseja projetos conjuntos.

Em consonância, as recomendações do VI Congresso Nacional de Psicologia apontam para a criação de referências para a prática profissional enfatizando a qualificação dos serviços. Incluir os futuros psicólogos é dar uma amplitude à formação para além do espaço acadêmico acreditando que o estudante é, antes de tudo, um sujeito que faz seu próprio percurso no mundo e será o profissional que puder se fazer a partir de suas escolhas e do modo como desenvolver sua capacidade crítica e reflexiva sobre sua vida incluindo sua profissão.

Para completar esta contextualização ocorrem as discussões em torno da democratização do Sistema Conselhos a partir das propostas da reformulação da Lei 5766/71 - lei que cria o Conselho Federal de Psicologia e os Conselhos Regionais de Psicologia, instâncias que organizam a relação da profissão com a sociedade tendo como um de seus objetivos “promover a aproximação, informação e diálogo com a categoria acerca do papel do Sistema Conselhos”. A experiência em atividade no CRP-RJ corrobora esta preocupação dado que é grande o desconhecimento sobre o Sistema Conselhos por parte dos profissionais, principalmente quanto à sua estrutura e

funcionamento e sabemos que transparência e publicização das ações fazem parte de um projeto democrático.

O movimento que se seguiu foram ensaios para a transformação do Coletivo, que era uma criação provisória sem lugar no plano institucional, em um grupo de trabalho com características determinadas regimentalmente das quais se destacava a duração: seis meses podendo ser renovado por igual período a critério da avaliação do Plenário. Depois de muitos questionamentos e de duas tentativas de modelar o plano de ação sob a vestimenta de Grupo de Trabalho (GT) –algo assim como vestir um modelo 38 num manequim<sup>44</sup>. Numa extensa discussão plenária foi decidida a transformação do Coletivo em Comissão de trabalho o que se deu em março de 2009.

É no âmbito de nossas discussões, tanto nas reuniões de equipe como em outros espaços de trabalho no CRP-RJ, que insistimos na problematização crítica do pensar e o agir dos que fazem psicologia refletindo sobre os atravessamentos ético-políticos da formação em psicologia.

Valorizar a dimensão ética distinguindo da moral é compartilhar a posição de Deleuze (2006) falando sobre Foucault: a constituição dos modos de existência ou dos estilos de vida não é somente estética, é o que Foucault chama de ética, por oposição à moral. A diferença é esta: a moral se apresenta como um conjunto de regras coercitivas de um tipo especial, que consiste em julgar ações e intenções referindo-as a valores transcendentais; a ética é um conjunto de regras facultativas que avaliam o que fazemos o que dizemos em função do modo de existência que isso implica. São os estilos de vida, sempre implicados, que nos constituem de um jeito ou de outro. Assim, valorizar a dimensão ética aponta à liberdade como horizonte e tem como consequência a possibilidade de invenção de novas formas de produção subjetiva. Do mesmo modo, podemos pensar a produção do conhecimento – a formação – como uma práxis que desconfia do já estabelecido, das verdades acabadas, das certezas importadas, em um movimento de acatar o novo e respeitando o diferente, considerado o contexto sócio-histórico-político a partir de uma postura implicada. Formação então marcada pela capacidade de experimentar e ousar, abrindo novos caminhos.

Por outro lado, entendemos que política e formação são inseparáveis. Para Guattari (1996), há uma “integração maquínica” do capitalismo, ou seja, uma disseminação da lógica do capitalismo no campo das competências subjetivas, isto é, não só onde produzimos no trabalho assalariado, mas também onde exercemos atividades “compatíveis e até desejáveis” ao que é economicamente recuperável: no lazer, na sexualidade, nas relações interpessoais, nas nossas relações urbanas etc. A lógica do capital se imiscui na própria vida. Estamos, assim, diante do que o autor designa como CMI (capitalismo mundial integrado). O capitalismo realiza seu projeto de máxima integração se tornando CMI porque se dá nesse movimento ininterrupto de anexação. Nele, e por ele, já não se admite exterioridade, pois tudo se mundializa. Seu funcionamento não tem mais os limites da máquina concreta.

Numa resenha histórica acerca do político no Brasil, considerando a emergência histórica dos movimentos sociais de base popular (período 1975-1982), Ferreira Neto (2004) afirma que a pressão que os mesmos geraram permitiu aflorar outros discursos e práticas de afirmação de outros modos de ser e viver. Amplia-se o conceito de político problematizado agora no cotidiano culminando com a “politização do social, do cultural e mesmo do pessoal” no dizer de Santos (Apud Ferreira Neto, 2004).

Esta conjuntura tem conseqüências na formação tanto a partir da necessidade constante de depor em análise suas opções de vida e de ação como psicólogo e, também, em outro nível do problema, na nova demanda que surge de uma população que não concorria ao profissional antes do advento da inserção deste nos chamados serviços públicos. Como lidar com tais desafios se comumente o que se passa na formação não dialoga com esta nova realidade? Por onde e como caminhar?

Uma discussão que é muito cara a este Conselho é a que concerne aos Direitos Humanos, direitos estes não dados a priori nem garantidos naturalmente, mas datados historicamente, sob o signo da processualidade e tomando o humano como permanente criação de si. Colocar a referência dos direitos humanos em nossas práticas é desenvolver uma atitude de cuidado de si e do outro pondo permanentemente em análise nossas implicações (LOURAU, 1993) com este mundo.

### **XXII Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia (2009)**

A Comissão de Estudantes do CRP-05 participou do XXII Encontro Nacional de Estudantes de Psicologia (ENEP), ocorrido de 19 a 25 de julho de 2009 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte. No mesmo, realizamos a oficina: “Subjetividade, política e criação: reflexões sobre a formação em psicologia”.

A oficina teve por alvo levantar algumas questões sobre a formação do psicólogo no Brasil. Para tanto, a partir de algumas contribuições das obras de autores como Michel Foucault (2003, 2004, 2005a, 2005b) e Félix Guattari (1996), problematizamos a formação em psicologia como um processo atravessado pelas dinâmicas de força do poder disciplinar, por um lado, e, também, como um dispositivo produtor de subjetividades, por outro.

O exercício do poder disciplinar caracteriza-se por um investimento sobre os corpos a fim de torná-los corpos economicamente úteis e politicamente submissos, ou seja, corpos dóceis. Para tanto, aquele tece suas redes esquadrinhando os espaços e criando uma visibilidade panóptica que possibilita uma vigilância e controle constante dos sujeitos. Estes, por sua vez, são capturados por estas relações de poder e certos processos de subjetivação são produzidos a partir deste modo de funcionamento disciplinar.

Compreendemos a subjetividade não como uma essência ou natureza, mas, antes, como um processo que é fabricado a partir de inúmeros atravessamentos-

agenciamentos sociais, como: os discursos da mídia, as relações familiares, a dinâmica escolar etc. Em suma, pensaremos a subjetividade como diferentes modos de experimentação da vida, isto é, maneiras de sentir, pensar, agir; como diferentes modos de dar sentido ao mundo.

A partir desta perspectiva, nos questionamos: que modos de subjetivação estão sendo produzidos pela formação em psicologia? Que relações de poder estão atravessando a formação do psicólogo no Brasil?

Do mesmo modo, colocamos em análise o quanto o ensino da psicologia está, ainda, alicerçado sobre um modelo de educação bancário que toma os alunos como clientes de uma educação vendida enquanto mercadoria.

Levantamos a discussão que a formação em psicologia se torne, sobretudo, um espaço para a invenção constante de outras maneiras de pensar, sentir e viver. Dito de outro modo, que a nossa formação esteja compromissada eticamente com a criação de outros mundos possíveis e de uma psicologia inventiva e questionadora da dinâmica capitalista e disciplinar de nossa sociedade.

A oficina contou com a participação de 53 estudantes de diversas regiões e universidades do País. Alguns dos temas discutidos pelos participantes da oficina foram: ênfases curriculares, o modelo da clínica tradicional, compromisso social, práticas emergentes na Psicologia, entre outros.

Em nosso trabalho, tomaremos os discursos que foram proferidos pelos estudantes durante a conclusão de nossa oficina no XXII ENEP como analisadores dos atuais modelos de formação em psicologia no Brasil. No entanto, compreendemos que, durante a referida oficina, nem todas as regiões do país foram contempladas. Ademais, não esperamos esgotar esta discussão aqui. O que almejamos é, a partir de uma experiência vivida por nossa Comissão, levantar algumas questões sobre a formação em psicologia.

**Estudante:** “Como estudante de Faculdade particular, para mim se formar em cinco anos é ilusão. Estou a oito anos na Psicologia. Meu máximo são três disciplinas por semestre. Pagamos R\$ 300,00 reais por disciplina! É muito importante buscar fora, quer dizer, não esperar que a nossa formação se dê apenas dentro da sala de aula”.

**Estudante:** “É essencial que a gente saia da sala da aula pra realmente se formar, mas é preciso reforçar também a opinião que é preciso que a gente faça coisas arriscadas... Que a gente se junte para realmente buscar uma transformação: seja no currículo pra que tenha uma formação efetiva; seja em qualquer outra transformação social é preciso que a gente não faça isso individualmente; que a gente se una na medida do possível”.

**Estudante:** “A gente não recebe nossa formação, a gente tem que criar ela. Fazer a formação acontecer”.

**Estudante:** “Acho que a gente não pode deixar esta discussão morrer aqui. Pra que ela realmente tenha sentido esta discussão tem que sair daqui; desta sala e a gente continuar durante o ENEP. Não se esquecer que a Psicologia tem uma história de valorizar, legitimar, as opressões; a gente sabe que história é esta, mas até que ponto a gente precisa reproduzir esta história?”.

**Estudante:** “Eu queria dizer que foi muito proveitoso este espaço; este momento. Enquanto vocês estavam falando eu fiquei pensando: nossa, não sou só eu que penso e sinto estas coisas. Porque a minha faculdade é muito fechada. Lá a gente só vê Freud... Tem uma visão de clínica mesmo quadrado. Eu vou contar uma experiência que tive lá. Eu e mais três pessoas de minha sala. A gente estava cansada de ver isso e a cidade de lá é muito fechada: tem três hospitais psiquiátricos. Não tem CAPS. A gente conseguiu abrir estes hospitais psiquiátricos. Levar para uma praça. Fizemos oficinas. Concorremos ao IV Prêmio Bispo do Rosário... e foi muito bacana, muito proveitoso. E quando o moço ali falou assim: a gente tá buscando mesmo, tá indo pra prática, conhecer em outros lugares. Isso é muito importante. Que a gente vá mesmo. Que não fique só aqui. Que a gente comece a compartilhar para promover transformações. E como ela disse, eu acredito que já começou a acontecer esta transformação. Ela começa dentro de nós, mudando as nossas visões para que a gente possa, enfim, está passando e romper com o que está dado; com o que está pronto”.

**Estudante:** “Querida dizer que eu gostei demais deste momento aqui. Eu estou saindo daqui um pouco angustiada... porque são muitas coisas para pensar; muitas coisas para fazer dentro da psicologia e eu sinto que tenho muito a contribuir”.

**Estudante:** “Achei bem importante a discussão aqui, mas o que eu vou falar é mais um desabafo. Talvez um pouco pela fase que eu estou passando. Eu estou no décimo período. Estou estendendo minha graduação, seria para eu me formar agora. Por escolha, por ter participado de outras coisas ... Ai eu paro para pensar nas coisas que eu acho interessante para fazer enquanto profissional e elas não são socialmente reconhecidas ou remuneradas. Pensando como sustentar um trabalho que eu acredito, talvez com outro que eu não acredite tanto assim. Minha preocupação maior é que a minha formação não seja só pessoal: ficar carimbando papel ...”

### **Considerações Finais**

Os discursos dos estudantes de psicologia transcritos acima apontam para o cenário de muitos caminhos diferentes que compõem o território do ensino da psicologia no Brasil. Como disse um estudante: nós precisamos inventar nossa formação e não ficar esperando que a mesma se dê apenas a partir de nossa presença nas aulas; de nossa aprovação nas inúmeras avaliações; das mensalidades que pagamos, caso sejamos de Faculdades privadas.

Na Comissão de Estudantes do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro, apostamos na construção de uma formação mais crítica e compromissada com uma ética em favor da vida e de seus diferentes modos de expressão. Trata-se,



sobretudo, de pensar a formação para além de seu papel tecnicista. Apostamos numa formação inventiva e ousada, no sentido que a mesma sirva como ferramenta (DELEUZE, G., FOUCAULT, M., 2006) de questionamento e superação das misérias e absurdos produzidos e naturalizados pelo sistema capitalista.

Por fim, finalizamos este trabalho com os versos que abrem o último livro escrito por Augusto Boal (2009). Artista que ousou usar sua arte em favor da vida e, fazendo do Teatro do Oprimido um instrumento de luta, fez com o fogo da esperança ganhasse ainda mais força e não sucumbisse nas águas da complacência anestésica que encharca e inunda a vida de milhões.

A Natureza não é bela;

Belos são os olhos que a miram.

2008, 2009, 2010... A noite cai

Sobre o mundo. Que fazer?

Silenciar? Sinto sincero respeito

Por todos aqueles artistas

Que dedicam suas vidas à

Sua arte – é seu direito ou

Condição. Mas prefiro aqueles

Que dedicam sua arte à vida.

Em defesa da arte e da estética,

Em tempos de crise e de paz.

Arte não é adorno,

Palavra não é absoluta,

Som não é ruído,

E as imagens falam.

## Referências

- BOAL, A. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. Pp. 219 – 226.
- DELEUZE, G.; FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder. Motta, M. B. (org.) **Ditos e escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Pp. 37 – 47.
- FERREIRA NETO, J. L. **A formação do psicólogo: clínica, social e mercado**. São Paulo: Escuta, 2004; Belo Horizonte: Fumec / FCH, 2004.
- FOUCAULT, M. Direito de morte e poder sobre a vida. In: **História da sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo: Graal, 2003. Pp. 125 – 152.
- \_\_\_\_\_ **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2004
- \_\_\_\_\_ **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.
- \_\_\_\_\_ **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2005b.
- GUATTARI, F. & Rolnik, S. **Micropolítica. Cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.
- LOURAU, René. René Lourau na UERJ – 1993 - Análise institucional e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro:UERJ, 1993.,